

Plenary Panel Four: Marlene Kadar and the Next Generation

Moderator: Eva C. Karpinski

M. Mary Khan, York U [mustang@yorku.ca]

Poetry in Life Writing: The All We Can Know

“To write poetry after Auschwitz is all we can know.” -Marlene Kadar

Marlene Kadar’s “Barbaric Poem” begins with a declaration from German philosopher and composer Theodore Adorno: “To write poetry after Auschwitz is barbaric.” These words are italicized and footnoted; they are demanding to be responded to. These words are from 1949. Five years have past since the war. And yet poetry is still barbaric. Why? Is poetry meant to stand for beauty? Is a particular memory still too close for passing thoughts of wonder? For passages of sound, rhythm, and melody? Poetry’s language is marked by its gaps in time; words are continually removed and placed elsewhere. We are left with choices to make: which words should we keep or discard? Which memories? When we examine the archive and archival lives, we are desperately trying to fill in gaps of time. When we put fragments of diaries, letters, notebooks, and interviews together, our research is akin to writing poetry. We are stringing the threads of a story that we only know the beginning of or ending to. We yearn for coherence in our narratives, we yearn for balance. When we account for lives lost or stolen, we are tipping the scales of histories lost or stolen. Poetry is a way of filling in gaps of time; the gaps in our research; the missing voices. Poetry can speak for the lives we cannot account for, for the stories we are unable to tell.

The only way we can
know barbed wire
is when we see it flash in the sunlight in idyllic meadows.

The only way we can know
the ardor of the lost child’s fever
is when we can wipe the wet forehead.

The only way we can address a stolen daughter’s
family is by reading about the story you made up
about her based on facts based on memories now found.

My paper will foreground Marlene Kadar’s “Barbaric Poem” (2004) as a way of acknowledging the possibilities of poetry in life writing and feminist studies, particularly in relation to interrogating histories of trauma. My arguments will be informed by Ann Cvetkovich’s (2003) theories on the archive of feelings and the quest to understand trauma and survival as a psychic need. Kadar is clearly expressing a

IABAA 2017 – Lives Outside the Lines: A Symposium in Honour of Marlene Kadar

psychic need for poetics in her poem, and my immediate, affective response is to trace this desire back to the archive and archival research; the functions and limitations of each.

Poesia na escrita da vida: tudo o que podemos saber

Escrever poesia depois de Auschwitz é tudo o que podemos saber. — Marlene Kadar
O "Poema Bárbaro" de Marlene Kadar começa com uma declaração do filósofo e comediante alemão Theodor Adorno: "Escrever poesia depois de Auschwitz é bárbaro". Estas palavras estão em itálico e em nota de rodapé, estão exigindo uma resposta. Estas palavras são de 1949. Cinco anos se passaram desde a guerra. No entanto, a poesia ainda é bárbara. Por quê? A poesia se destina a representar a beleza? Uma memória particular ainda está muito próxima para transmitir pensamentos de admiração? Para transmitir som, ritmo e melodia? A linguagem da poesia é marcada por seus intervalos no tempo, palavras são continuamente removidas e colocadas em outro lugar. Somos deixados com escolhas a fazer: que palavras devemos manter ou rejeitar?

Quais lembranças? Quando examinamos os arquivos e as vidas dos arquivos, estamos tentando desesperadamente preencher as lacunas de tempo. Quando colocamos fragmentos de diários, cartas, cadernos e entrevistas juntos, nossa pesquisa é semelhante à escrita da poesia. Estamos tecendo os fios de uma história que só conhecemos no início ou no final. Ansiamos por coerência em nossas narrativas, ansiamos pelo equilíbrio. Quando contabilizamos vidas perdidas ou roubadas, estamos inclinando a balança de histórias perdidas ou roubadas. A poesia é uma maneira de preencher as lacunas de tempo, as lacunas em nossa pesquisa, as vozes em falta. A poesia pode falar pelas vidas que não podemos explicar, pelas histórias que somos incapazes de contar.

A única maneira de
conhecermos arame
farpado
é quando vemos seu reflexo sob a luz do Sol em campos idílicos.

A única maneira de
conhecermos o ardor de
febre da criança perdida
é quando podemos limpar a testa molhada.

A única maneira de falarmos à família de uma filha

IABAA 2017 – Lives Outside the Lines: A Symposium in Honour of Marlene Kadar

roubada é lendo sobre a história que você inventou
sobre ela baseado em fatos e memórias agora encontradas.

O meu artigo colocará em primeiro plano o "Poema Bárbaro" de Marlene Kadar (2004) como uma forma de reconhecer as possibilidades da poesia na biografia e nos estudos feministas, particularmente no que se refere ao exame de histórias de trauma. Meus argumentos serão orientados pelas teorias de Ann Cvetkovich (2003) sobre o arquivo dos sentimentos e a busca para entender o trauma e a sobrevivência como uma necessidade psíquica. Kadar está claramente expressando uma necessidade psíquica de poética em seu poema, e minha resposta afetiva imediata é rastrear esse desejo de volta ao arquivo e à pesquisa arquivística, às funções e às limitações de cada um.

[Traduzido por Jarson Araújo - jarsondsantos@gmail.com]

Mary is a life writing scholar and draughtswoman. Her areas of focus are poetry, nostalgia, second wave feminism, and the archives of jazz. She enjoys time travel on a daily basis: 1870s to 1940s when drawing, 1950s and 1960s when listening to jazz, 1970s and 1980s when writing on feminist poetry.